

## O ESTUDO DA DIFERENÇA DE IDEOLOGIAS ENTRE GERAÇÕES A PARTIR DO CONTO YAD VASHEM

### THE STUDY OF THE DIFFERENCE OF IDEOLOGIES BETWEEN GENERATIONS FROM THE TALE YAD VASHEM

Anath Czeresnia Wakrat<sup>1</sup>

#### RESUMO

O conto “*Yad Vashem*”, do escritor israelense Aharon Megued, publicado em 1955, narra a história do avô Ziskind, originário da Ucrânia, que residia em Israel. Quando Ziskind soube que sua neta Raia estava grávida, pediu que ela desse para o filho que ia nascer o nome de Mên dele, caso fosse homem. A partir daí começa a discussão sobre a escolha de um nome típico da tradição europeia, defendido pelo avô ou um nome israelense, próprio de uma ideologia sionista, exigido pela neta. O conflito revela uma crise de identidade profunda entre o imigrante e seus descendentes que se resume no choque entre o antigo e o novo, num conflito geracional capaz de colocar em jogo o passado e o futuro de um povo.

Palavras-chave: nome – identidade – sociedade

#### ABSTRACT

The tale *Yad Vashem*, of the Israeli writer Aharon Megued, published in 1955, tells the story of the grandfather Ziskind, original from Ukraine, who resided in Israel. When Ziskind knew that his granddaughter Raia was pregnant, asked that she gives the name for her son who will be born Mendele, if he were a boy. From this, starts a discussion about the choice of a typical name of the European tradition, defended by the grandfather, or an Israeli

---

<sup>1</sup> Mestranda da USP – FFLCH, Letras (Hebraico).  
anath18@gmail.com

name, pertaining to a Zionist ideology, demanded by the granddaughter. The conflict reveals a deep identity crisis between the immigrant and his descendants which is summed up in the shock between the old and the new, in a generational conflict capable of jeopardize the past and the future of one people.

Key-Words: name – identity – society

## I - Introdução

O conto “*Yad Vashem*”, do escritor israelense Aharon Megued, foi publicado em 1955 e traduzido para português com o título “O nome”.

*Yad Vashem* significa em hebraico, sinal imutável para lembrar sempre, como os túmulos no cemitério. É também, o nome do Museu do Holocausto, fundado em Jerusalém em 1953.



**ונתתי להם בביתי ובחומתי יד ושם טוב מבנים ומבנות שם עולם אתן-לו אשר לא יכרת.**

(ישעיה, פרק נו', ה)

*“Dar-lhe-eis na minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome melhor do que o de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará.”* (Isaías, capítulo 56, versículo 5).

O conto narra a história do avô Ziskind, originário da Ucrânia, que residia em Israel. Sua cidade natal fora destruída e teve os judeus exterminados pelos alemães. Ele perdera seu filho Ossip, sua nora e seu neto Mêndele.

Quando Ziskind soube que sua neta Raia estava grávida, pediu que ela desse para o filho que ia nascer o nome de Mêndele, caso fosse homem. Raia e lehuda se negam a dar esse nome, pois alegam que o menino seria infeliz

por toda a vida. Optam por nomes hebraicos bíblicos que voltaram a ser utilizados em Israel no século XX: Osnat e Ehud.

A partir daí começa a discussão sobre a escolha de um nome típico da tradição europeia, defendido pelo avô ou um nome israelense, próprio de uma ideologia sionista, exigido pela neta.

## II – O nome na Cultura Judaica

Uma das crenças da religião judaica, conforme Joshua Trachtenberg<sup>2</sup> é a convicção de que "o nome de um homem é a essência do seu ser". "O nome de um homem é a sua pessoa" e "Seu nome é sua alma". Essa crença fez com que o fato de nomear uma criança tivesse grande importância e responsabilidade.

Apesar do desejo de abençoar uma criança com o nome de um antepassado morto, havia o medo de que a alma desse antepassado fosse passada para o corpo dessa criança. Este temor levou de fato, em alguns casos, à recusa de adotar o nome do antepassado morto. Pela superstição, alguns nomes trazem sorte, outros não. Dependendo se os nomes são de antepassados que foram infelizes, ou morreram cedo, por exemplo.

Na Era Bíblica, em Israel, os nomes de judeus obedeciam a um padrão patriarcal simples. O nome vinha acompanhado da palavra Ben (filho de) e o nome do pai. Nas finalidades religiosas, foi preservada essa forma original por três mil anos até nossos dias. O nome da pessoa pode ser um para fins civis ou legais, mas para fins religiosos mantém a forma que foi dada quando nasceu.

A Bíblia registra mudança de nomes como símbolo de uma nova posição social ou destino. Baseando-se nesse precedente, o *Talmud* declara que entre as "quatro coisas que cancelam a condenação do homem" uma é a mudança de nome (R.H.16b). A partir disso, desenvolveu-se na Idade Média, o costume de dar um nome adicional para o nome de uma pessoa que estava

---

<sup>2</sup> TRACHTENBERG, JOSHUA. *Jewish Magic and Superstition*. 1939. "In the Name of..." Site: <http://www.sacred-texts.com/jud/jms/jms09.htm>. Acesso em: 06/05/2010.

perigosamente doente, ou sofreu alguma infelicidade de modo que isso confundiria o “Anjo da Morte”.

Um costume bem difundido inclusive nos dias de hoje, é a escolha de nomes como Hayim ou Hai (vida), Rafael (que Deus o cure), Ezequias (que Deus dê força) para o sexo masculino, e Hayyah para o sexo feminino.

Nem todos os nomes judeus são de origem hebraica. Nos tempos medievais e nos séculos posteriores, os nomes dos judeus da Alemanha tornaram-se alemães, mas o que imprimia características de nomes tradicionais era que durante várias gerações os judeus continuaram a dar esses nomes para seus filhos. Assim também aconteceu com os judeus franceses. Os velhos nomes hebraicos eram adaptados para equivalentes, ou supostos equivalentes, aos nomes franceses.

Devido ao antigo costume judeu de dar para a criança o nome de uma pessoa da família falecida, garantiu-se a sobrevivência, ao longo dos séculos, dos nomes que são considerados tradicionalmente judaicos.

Em todas as épocas e independente do lugar onde morassem, os judeus adotavam nomes mais utilizados pela maioria da população ou adaptavam seus antigos nomes para melhor adequarem-se ao ambiente em que viviam.

Em meados do século XVIII, quando o movimento cultural judeu “*Haskalá*”, a Ilustração, tomou corpo na Europa Central, tornou-se hábito dos judeus adotarem nomes da família iguais aos dos outros europeus. Isso marcou uma fase de rápida integração do judeu no ambiente europeu.

Uma geração ou duas mais tarde, as autoridades austríacas decretaram que todos os judeus do Império adotassem nomes fixos de família para fazer um censo oficial contínuo dos judeus e os registraram com seus novos sobrenomes. Muitos judeus tradicionalistas se tranquilizavam com o fato de que todas as crianças judias, ao nascer, recebiam um nome hebraico que as ligava aos seus ancestrais.

Desde o século XVIII, muitos judeus adotaram sobrenomes que eram nomes de lugares ou nomes de ofícios. Estes eram passados de geração para geração. Em alguns lugares da Europa Central e Oriental, em fins do século XVIII e começo do século XIX, as autoridades governamentais registravam

arbitrariamente os judeus com sobrenomes estranhos, apesar de seus protestos.

Desde o século XIX é tradição ter o nome hebraico e civil do morto nas pedras tumulares.

Não se pode determinar com segurança a identidade judaica de alguém levando em consideração somente o nome, já que há evidências de que faz tempo que existe a tendência de adaptar nomes judaicos à maneira americana, inglesa, espanhola e alemã.

Enquanto muitos pais em Israel dão aos filhos nomes da Bíblia, há também muitos novos e criativos nomes hebraicos modernos usados em Israel hoje.

Alguns novos nomes hebraicos e hebraizados que foram adotados no Estado de Israel têm como origem o significado do nome ou a fonia do nome da diáspora.

### III - A questão do nome sob a ideologia sionista na literatura

Em textos de autores da primeira ou segunda *aliá* a descrição do “hebreu novo” é construída como uma oposição consciente ao “hebreu do exílio”.

Os nomes do “hebreu novo” são nomes de heróis ou personagens virtuosos da bíblia. São nomes que eram incomuns nas comunidades do leste europeu. Nos contos são nomes hebreus bíblicos, que são também nomes judaicos tradicionais. Na literatura esses nomes não são considerados como do “exílio” porque aparecem em sua forma original e não na forma *asquenazita*.

Os contos que trazem nomes acentuadamente utilizados no exílio não descrevem o “hebreu novo”, mas a mistura do “hebreu” e do que vive no exílio. Por exemplo, nos contos de Reuvêni e Silman, surgem nomes como Vêlvele, Fínkel, e Dushkin, ao lado de nomes como Zárchi ou Yechiel Katz. A parte “do exílio” do nome é geralmente o sobrenome, fato que é adequado à realidade comunitária da época.

## IV - Análise dos elementos do conto.

Conforme B. Tomachevski, “Introdução à literatura fantástica”, entende-se por situação “as relações mútuas das personagens num dado momento da narrativa”. A situação inicial é determinada pelas relações existentes entre as personagens, anteriormente a qualquer ação. Essa situação inicial é constituída pelo relacionamento em que se encontram as personagens logo no início da narrativa. No conto “*Yad Vashem*”, essa situação se dá quando há a descrição do lugar em que o avô Ziskind morava e a ação de sua neta Raia e seu marido lehudá.

*“O avô Ziskind morava numa casa pequena no bairro sul da cidade. Geralmente, uma vez por mês, aos sábados após o almoço, sua neta Raia e seu marido lehudá iam visitá-lo, aliás, uma visita de obrigação.” (p.123)*

É importante analisar o tempo da narrativa no conto e o espaço em que ocorre essa história. Um tempo presente interessante de observar, que dialoga com o passado da *Shoá*, conduzindo o leitor à sensação de oscilação entre “dois tempos”.

*“Nas obras e nos textos narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações.”<sup>3</sup>*

*“É deslocável o presente, como deslocáveis são o passado e o futuro. De “uma infinita docilidade”, o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa.”<sup>4</sup>*

Quanto ao espaço físico parece que esse é transportado para o espaço psicológico. O avô raramente saía de sua casa, os outros visitam o “seu mundo”.

---

<sup>3</sup> NUNES, BENEDITO. *O tempo na narrativa*. Série Fundamentos, Editora Ática, 1988.

<sup>4</sup> *ibid.*

O avô Ziskind guardava o necrológio de sua cidade natal na Ucrânia, que fora destruída, em um relógio quebrado. Relógio significa tempo. O saquinho com o necrológio, a memória do ocorrido. Como se fosse um espaço externo fechado num interno. É um espaço “tópico”, ou seja, que é conhecido, onde se vive com segurança. Este espaço de proteção admite uma escala de intimidade. Segundo a terminologia de Gaston Bachelard, em “A poética do espaço”, o espaço tópico é o espaço “feliz”.

*“Depois de uma briga prolongada e diversas semanas sem se falar, ele (o avô Ziskind) pegou alguns objetos que estavam em seu quarto, inclusive o relógio quebrado, e foi morar sozinho.” (p.124)*

O distanciamento entre as gerações também é apresentado no conto através do pedido constante, do avô Ziskind, da leitura do necrológio de sua cidade natal por lehudá, marido de sua neta Raia. Raia e lehudá já tinham ouvido essas mesmas palavras muitas vezes e não sentiam nada quando tornavam a lê-las. Ambos fazem parte de uma geração nascida em Israel. “Geração da Terra”.

*“Ele é a imagem de anti-herói, o sobrevivente do Holocausto que não consegue se libertar do passado, e é perseguido por ele em todos os seus caminhos. Seus personagens são sobreviventes nos quais o Holocausto imprimiu sua indelével marca. Eles fogem, mas jamais escapam. São o oposto do herói sabra.”<sup>5</sup>*

A partir daí começa a discussão em relação ao nome que Raia e lehudá colocarão em seu filho que está para nascer. A filha de Ziskind, Rachel, mãe de Raia, diz que seu pai gostaria que a criança se chamasse Mên dele, como o seu neto que morrera na Ucrânia durante o Holocausto. Eles não querem, pois acham que o menino será infeliz por toda a vida.

---

<sup>5</sup> BEREZIN, R. – O novo conto israelense, Edições Símbolo. Introdução: SCHAKED, G., na análise de outro conto.

*“— Nós já resolvemos a respeito do nome — disse. Se for menina chamar-se-á Osnat. E se menino, Ehud.” (p.129)*

Ehud ben Guera era um juiz, que libertou o povo de Israel dos moabitas. Lutou sozinho contra o rei de Moav, mesmo não tendo o braço direito. É um nome bíblico que voltou a ser utilizado em Israel no século XX. Osnat também é um nome bíblico. Filha do Faraó que foi dada para José se casar.

*“Há um motivo razoável para se supor que os contos que indicam só os nomes próprios ou que evitam dar o nome da personagem descrita (a maioria dos contos), tentam ser fiéis, por um lado, ao ideal do “hebreu novo”, que não pode portar um nome estridente do exílio e, por outro lado, a “realidade” na qual um nome que é totalmente hebreu se sobressai na sua artificialidade, mesmo quando as personagens nasceram em Eretz Israel”.<sup>6</sup>*

O sentimento de nacionalismo dos jovens era mais forte do que uma lembrança de um passado, que, na verdade, eles não tinham vivido. Leah e Raia queriam educar seu filho sem a interferência de um nome típico da tradição europeia. Melhor voltar ao tempo bíblico, estão dentro de Israel vivendo e valorizando essa terra, do que voltar para a *Galut*, judeus em territórios da diáspora.

Rachel também tinha as ideologias divididas entre seu pai e sua filha.

*“— Na verdade o que há de mal com o nome Mên dele? — dizia à filha — É um nome como qualquer outro.*

*— O que você está dizendo, mãe? — E Raia insurgia-se contra ela, com todo o seu ser — Nome próprio da diáspora, feio, horrível! De jeito nenhum seria capaz de sair de meus lábios. Você quer que eu odeie meu filho?”(p.129)*

Para Rachel, mãe de Raia, primeira geração após o Holocausto, a segunda opção de nome poderia ser Menachem (traz consolação, comunica

---

<sup>6</sup> ZOHAR, B. E. – “A entrada do modelo do “Hebreu Novo” na Literatura Hebraica”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, nº 1, Ed. Humanitas.

coisas boas). Relaciona-se esse nome ao *Mashiach* no *Talmud Ierushalmi*. (*Brachot* 5, versículo 1).

Um nome muito usado na Europa Oriental é Menachem Mendel.

Para a nova geração esse nome parece de um menino fraco e feio da diáspora, diferente do novo tipo de sabra: saudável, alto e forte.

*“— Escolhemos o nome, mãe — dizia — Nós dois gostamos e não trocaremos por outro. Menachem é nome com cheiro de velhice, que para mim está ligado a lembranças e a pessoas de quem não gosto. Somente um menino de baixa estatura, fraco e feio pode se chamar Menachem. Não falaremos mais disso, mamãe.” (p.130)*

Diferente de Raia e lehudá, Rachel é a favor de usar os nomes como lembrança dos ascendentes. Além do que, ela via o nome Menachem como um “meio termo”, uma maneira de contemplar a vontade de seu pai.

*“— Não quero sempre lembrar aquelas coisas pavorosas, mãe! É impossível que essa lembrança ande sempre dentro de casa e o pobre menino a carregue!” (p.131)*

Nesse momento, Rachel se questiona se de fato é ele quem está sofrendo com a doença, em referência à negação da memória do Holocausto.

*“Todavia falou baixinho como se falasse para si mesma:*

*— Não sei...parece às vezes que não é o avô que sofre da doença do esquecimento, porém, nós. Todos nós.” (p.131)*

O avô Ziskind chama lehudá, o marido de sua neta, em particular para ainda tentar convencê-los da mudança de nome.

A tentativa foi em vão. A luta dessa geração estava direcionada para a criação e estabelecimento do Estado de Israel, em criar o novo cidadão israelense, longe da imagem “negativa” dos modelos diaspóricos.

Conforme Gershon Shaked, a tendência ao rompimento crescente com a religião, com os valores sociais da diáspora (que têm profundas raízes na educação sionista recebida na casa dos pais) e a forte rejeição da imagem do “judeu da diáspora”, institucionalizou-se, por fim, no movimento canaanita, fundado por Y. Ratosh, A. Amir e outros, que preferia a adaptação política e cultural no espaço, ao invés da ligação com a diáspora judaica.

Tomado por um grande acesso de nervosismo e inconformismo o avô fala sobre a preservação da memória, a qual Raia e lehudá não querem que se faça à custa do nome de seu filho e de sua felicidade. Essa nova geração não vê somente a sociedade voltada para o todo, pensa-se no individual.

Uma geração se distancia cada vez mais da outra. Não existe a preocupação, dessa nova geração, em preservar a memória do Holocausto.

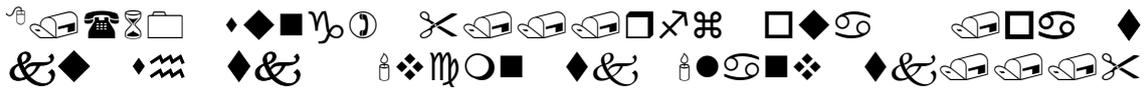
*“Novamente houve um silêncio profundo e Raia sentiu o aperto no peito aumentar até não suportar mais. Perto da mesa estava sentado o avô que mexia os dedos magros; perto da parede estava deitada a criança em seu carrinho. Era como se um abismo se abrisse entre o mundo que vai e o mundo que vem. Não era mais uma corrente que tinha três ou quatro elos. E o velho pai de família não reconhecia o bisneto, que não trazia consigo uma lembrança.” (p.135)*

*“O passado está consumado e é irreparável. Mas segundo Benjamin, ser-lhe fiel para além de seu fim, retomando em consideração suas exigências deixadas sem resposta. Cada geração recebe assim uma “tênue força messiânica” porque cabe a cada presente resgatar o próprio passado; não apenas guardá-lo e conservá-lo, mas também libertá-lo”.<sup>7</sup>*

Para o avô Ziskind simbolicamente é como se seu bisneto não tivesse um nome e nem mãos, símbolos da continuidade.

---

<sup>7</sup> GAGNEBIN, JEANNE MARIE – *Walter Benjamin*, Brasiliense, 1982. Coleção: “Encanto Radical”.



“...Nenhuma continuação, nenhum testemunho, nenhum monumento, nenhuma lembrança...” (Pág. 133).

Ziskind estava totalmente alienado, distante da realidade, preso ao passado, ignorando o seu bisneto que representava o presente e o futuro.

Para Raia, Ehud parecia como se estivesse órfão de pais. Raia precisaria ser o elo entre os dois mundos, do avô e do filho.

#### V - Considerações Finais:

A leitura analítica do conto nos permite a reflexão da diferença das concepções entre as gerações que vivem em Israel, em relação à questão da Shoá.

O conto *"Yad Vashem"* apresenta o choque entre as diferentes percepções históricas do povo que se dá na sociedade israelense, da lacuna entre as gerações e a diferença de opiniões entre elas.

As personagens são construídas representando diferentes visões de mundo na sociedade israelense após o Holocausto.

A representação ideológica de cada personagem, das que querem ou não se lembrar da atmosfera antiga da diáspora judaica, se dá através da discussão de nomes.

O conto é relatado por um narrador onisciente. Narra o que se passa com as personagens do enredo, mostrando conhecer bem o que passa em seu íntimo, conhecendo suas emoções e pensamentos.

O narrador faz uso do discurso indireto livre, misturando discursos diretos e indiretos. Apresenta a fala em terceira pessoa e há grande presença de diálogos.

---

<sup>8</sup> MEGUED, AHARON. *"Yad Vashem"* em: *Arbaá Sipurim, Hamachlaká Lechinuch Veletarbut Bagolá Shel Istadrut Hatzionit Haolamit. Yerushalaim. 1984.*

O autor, Aharon Megued, faz parte da chamada “Geração da Terra”. Conforme Nancy Rozenchan, uma segunda etapa desta geração desenvolveu-se a partir do final da década de 50 e frequentemente é alcunhada como “nova onda”, em que paralelamente às questões do indivíduo, despontam escritos sobre o Holocausto.

Aharon Megued nasceu em Wloclavek, Polônia em 1920. Juntamente com a sua família imigrou para Israel em 1926.

Viveu no Kibutz Sdot Yam e trabalhou no porto de Haifa. Como os demais membros de sua geração, esteve no exército e lutou na Guerra da Libertação. Toda essa experiência encontra-se refletida em sua obra de escritor.

As histórias de Aharon Megued têm profundo senso da realidade social e psicológica. Elas são ajustadas com o meio onde se desenvolvem apresentando flagrantes de Israel. De seus tipos e problemas.

Em sua obra, Aharon Megued preserva a imagem do hebreu novo em oposição ao hebreu do exílio.

Aharon Megued está muito ligado ao passado do judeu na diáspora, aos seus antepassados na Polônia cujas lembranças ainda estão vivas em sua consciência. E, como imigrante, participava da iniciativa sionista, vendo-a como um ponto de interrogação na encruzilhada do destino judaico.

## VI – Referências bibliográficas

BEREZIN, R. (organizadora). *A Geração da Terra – Contos Israelenses*, Ed. Summus Editorial. – Conto: “O Nome” de MEGUED, A.

BEREZIN, R. *O novo conto israelense*. Edições Símbolo. Introdução: SCHAKED, G.

D’ONOFRIO, SALVATORE. *O texto literário – Teoria e Aplicação*. Editora Livraria Duas Cidades, 1983

Encyclopaedia Judaica – Jerusalem volume 12, pág 802

1971 – Keter Publishing House Ltd., Jerusalém, Israel.

GAGNEBIN, JEANNE MARIE. *Walter Benjamin*, Brasiliense, 1982. Coleção: “Encanto Radical”.

Judaica, volume 6 – Conhecimento Judaico II - Ausubel, Nathan.

Copyright c 1989, Koogan Participações e Empreendimentos LTDA.

The Book of Jewish Knowledge.

Copyright c 1964, Nathan Ausubel. Tradução: Eva Schechtman Jurkiewicz. A.

Koogan editor Rio de Janeiro.

MEGUED, AHARON. “Yad Vashem” em: *Arbaá Sipurim, Hamachlaká Lechinuch Veletarbut Bagolá Shel Istadrut Hatzionit Haolamit*. Yerushalaim. 1984.

NUNES, BENEDITO. *O tempo na narrativa*. Série Fundamentos, Editora Ática, 1988.

ROZENCHAN, NANCY. “Prefácio”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, nº 1, Ed. Humanitas, 1998.

SHAKED, GERSHON. “A vida por um fio”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, nº 1, Ed. Humanitas, 1998.

TRACHTENBERG , J. *Jewish Magic and Superstition*. Site: <http://www.sacred-texts.com/jud/jms/index.htm>. Capítulo 7: “In the Name of...” Site: <http://www.sacred-texts.com/jud/jms/jms09.htm>. Acesso em: 06/05/2010.

ZOHAR, B. E. “A entrada do modelo do “Hebreu Novo” na Literatura Hebraica”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, nº 1, Ed. Humanitas.

ZOHAR, I. E. “O surgimento de uma cultura hebraica nativa (1882-1948) na Palestina”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, nº 1, Ed. Humanitas, 1998.

<http://library.osu.edu/sites/users/galron.1/00186.php>. Acesso em: 06/05/2010.